

A BATALHA DE KURSK

Por Reinaldo V. Theodoro



Kursk, a maior batalha de blindados de todos os tempos.

INTRODUÇÃO:

A 2ª Guerra Mundial foi uma hecatombe sem paralelo na história da Humanidade. Ela representou uma violenta ruptura entre o mundo colonialista pós-revolução industrial e o atual, não apenas nos campos social, político, técnico e geográfico, mas, não menos importante, no militar. Neste, o grande conflito deixou claro que a máquina havia se tornado o senhor do campo de batalha. Movendo-se no solo ou sobrevoando-o, atacando ou defendendo, a máquina de guerra tornou-se o fator determinante na definição do vencedor. E a vitória sorriria certamente para o lado que soubesse dispor melhor de suas máquinas em função de sua qualidade, quantidade e organização. E embora os combates corpo-a-corpo, idênticos aos travados durante séculos, ainda acontecessem, as batalhas decisivas foram feridas entre homens que não viam os rostos dos homens que estavam matando. Nesse aspecto, a batalha de Kursk é um clássico.

Poucas vezes na História, dois exércitos se lançaram com todos os seus meios materiais numa batalha de “tudo ou nada” como essa. Uma batalha em que o primordial não era conquistar ou matar, mas simplesmente destruir as máquinas inimigas. Mais de 10.000 engenhos blindados (entre tanques, canhões autopropulsados e transportes blindados) se chocaram numa orgia de destruição sem precedentes. Do desfecho dessa batalha, dependia o resultado da luta no front russo. Do resultado da luta no front russo, dependia a vitória ou a derrota na guerra. A vitória

ou a derrota na guerra definiria como a Europa – e o mundo – viveriam as décadas seguintes. Neste aspecto, Kursk pode mesmo ser considerada uma batalha mais importante que Stalingrado ou que toda a campanha do Mediterrâneo.

E, no entanto, sem que ninguém soubesse, já estava decidida desde o primeiro disparo.

PRIMÓRDIOS:

No verão de 1943, parecia que a Alemanha havia se recuperado do desastre de Stalingrado. Durante fevereiro e março de 1943, a brilhante contra-ofensiva de Manstein havia recuperado Kharkov, detido a ofensiva de inverno soviética e estabilizado a linha alemã. O Alto Comando alemão decidiu então manter a iniciativa, realizando uma nova ofensiva. Em 13/03/43, a diretiva para a campanha de verão foi emitida. Ela mencionava que os soviéticos certamente atacariam durante os meses de verão e, portanto, a Alemanha teria que realizar uma ofensiva preventiva. O ponto escolhido era o saliente de Kursk, um bolsão com 175 km de extensão em sua base por 135 km de profundidade.

Por vários aspectos, a decisão de atacar ali é bastante compreensível. O saliente de Kursk era um trampolim perfeito para o lançamento de futuras operações dos soviéticos, mas estes só recentemente haviam ocupado a região e ainda estavam consolidando o seu perímetro de 580 km. Além disso, o ataque, que recebeu o nome-código de Fall Zitadelle (“Operação Cidadela”), não foi planejado originalmente para ser um ata-

que decisivo. Ele seria apenas um de uma série de ataques locais ao longo do front russo. Contudo, com o passar do tempo, “Cidadela” recebeu cada vez mais prioridade, sendo destinados a ela mais e mais recursos. Tendo em vista a resistência esperada, considerou-se essencial a concentração do maior número possível dos novos blindados, ainda saindo das fábricas. Isso provocou meses de atraso. Se realizada na primavera, ela teria boas condições de sucesso. Mas, quando foi desencadeada, em julho, a situação no bolsão de Kursk havia mudado drasticamente.

A “Cidadela” foi controversa desde a sua concepção. O General Heinz Guderian, Inspetor-Geral das Tropas Blindadas, não queria nenhuma ofensiva em 1943, visando a plena recuperação da arma blindada alemã; o General Alfred Jodl, Chefe do Estado-Maior do Alto Comando alemão (OKW), queria manter suas reservas à mão para responder aos possíveis movimentos dos aliados ocidentais no Mediterrâneo. Do outro lado, o General Kurt Zeitzler, Chefe do Estado-Maior do Exército (OKH) e os Marechais Erich von Manstein e Günther von Kluge, comandantes, respectivamente, do Grupo-de-Exércitos Sul e do Grupo-de-Exércitos Centro, eram favoráveis a ela. Em face da divergência de seus conselheiros, Hitler adiou a decisão. Ele mesmo chegou a admitir que toda vez que pensava no assunto sentia o estômago embrulhado. O mês de abril passou e nada aconteceu. Após mais alguns adiamentos, a decisão foi tomada a 01/07/43, quando Hitler deu a ordem para iniciar a operação a 05/07/43.

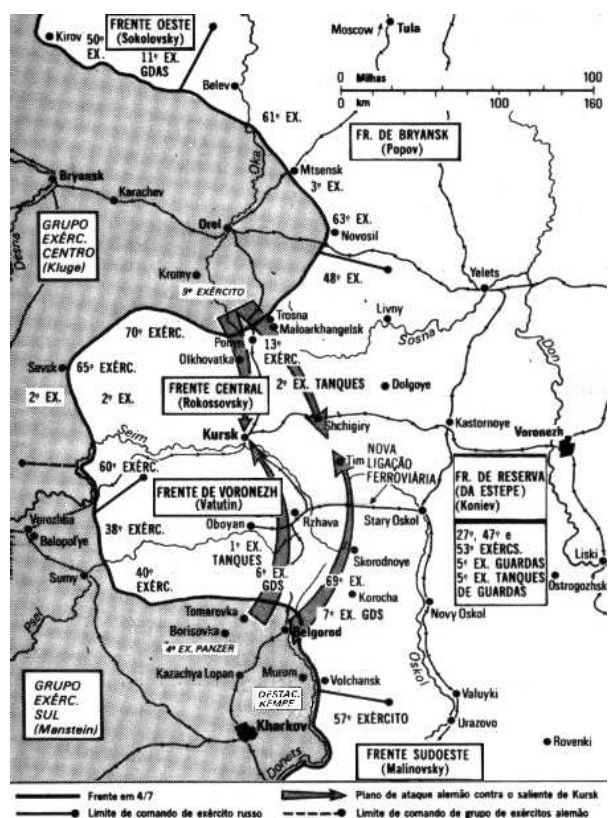


Feldmarschall (Marechal de Campo) Erich von Manstein, defensor da “Cidadela” quando foi concebida, mas contrário a ela quando foi iniciada, por considerar que as oportunidades oferecidas pela operação já haviam passado.

Os soviéticos aproveitaram muito bem a indecisão alemã. Eles haviam recebido informes precisos das intenções inimigas de diversas fontes:

“Lucy”, um espião que agia na Suíça e que recebia informações diretamente de oficiais anti-nazistas nos altos escalões alemães; o Primeiro-Ministro inglês Winston Churchill, que retransmitia os informes da “Ultra” para os soviéticos (embora sem mencionar a fonte); e do próprio serviço de inteligência soviético, que, por sua vez, capturara máquinas de criptografia “Enigma”.

A questão passou então a ser decidir entre esperar o ataque alemão e detê-lo ou atacar primeiro e esvaziá-lo. Os soviéticos decidiram pela primeira opção. Reforçaram e fortificaram o saliente como nunca antes se fizera no front russo. O plano prescrevia que os atacantes seriam desgastados ao máximo e então reservas frescas seriam lançadas numa ofensiva própria, que teria todas as probabilidades de sucesso, uma vez que as reservas alemãs estariam então empenhadas ou destruídas. Mas o sucesso desse plano dependia do Exército Vermelho ser capaz ou não de absorver o impacto da ofensiva alemã.



Plano geral da “Operação Cidadela”. Observe ao norte o Bolsão de Orel.

OS ATACANTES:

O plano alemão era o tradicional (e manjado) ataque de pinças na base do bolsão, simultaneamente ao norte e ao sul dele. O ataque ao norte seria desfechado pelo 9º Exército, do General

Mapa extraído e adaptado do livro “Kursk”, Editora Rennes, 1977.

Walther Model, parte do Grupo-de-Exércitos Centro. Ele contava com 6 Divisões Panzer, 1 Panzergrenadier e 15 de infantaria, além de um regimento com 90 dos novos canhões autopropulsados "Ferdinand" (656°), um batalhão de "Tigres" (505°) e um batalhão do novo canhão de assalto "Brummbär" (216°). Ao todo, ele contava com 1.079 blindados de todos os tipos (excluindo transportes e carros blindados). O 9º Exército tinha ainda 3 companhias de veículos de demolição Borgward B.IV e 2 de "Goliaths" (usados para abrir passagem nos campos minados).



Walther Model, comandante do 9º Exército alemão durante a Batalha de Kursk.

Encarregado do ataque ao ombro meridional do bolsão, o Grupo-de-Exércitos Sul, do Marechal Manstein, empregaria o 4º Exército Panzer do General Hermann Hoth e o "Destacamento Kempf", do General Werner Kempf. Essas forças englobavam 5 Divisões Panzer, 4 Panzergrenadier¹ e 11 de infantaria, além de uma brigada com 200 dos novos tanques "Pantera" (10ª), um batalhão de "Tigres" (503°) e um batalhão de destruidores de tanques "Hornisse" (560°), totalizando 1.581 tanques e canhões de assalto (incluindo 30 tanques lança-chamas Panzer III "Flammpanzer"). O poderio das divisões blindadas alemãs então variava muito. Enquanto a 18ª Divisão Panzer somava míseros 75 tanques (dos quais 43 obsoletos), a 3ª Panzergrenadier SS *Totenkopf* contava com 183 máquinas, incluindo uma companhia com 15 "Tigres".

Ao todo, seriam 900.000 homens, 2.700 tanques e canhões de assalto (63% de todos os blindados

alemães no front russo) e 10.000 canhões. A Luftwaffe tinha então cerca de 1.830 aparelhos em operação na área, divididos entre a Fliegerdivision 1, ao norte, e a Luftflotte IV, ao sul.

OS DEFENSORES:

Poucas vezes na história das guerras, um exército teve tanta antecipação dos planos inimigos e se preparou tanto e tão detalhadamente quanto o soviético para a Batalha de Kursk. Cerca de 300.000 civis foram convocados para trabalhar nas posições defensivas, cavando mais de 5.000 km de trincheiras. As linhas soviéticas foram preparadas com profundidades de dezenas de quilômetros em alguns pontos. Foram organizados vários cinturões de defesa, que consistiam de pontos fortes pesadamente protegidos, com canhões anti-tanques, morteiros e artilharia. Diante desses pontos, extensos campos de minas impediam qualquer tentativa de manobra.

Dentro do bolsão, o flanco norte era responsabilidade da Frente² Central, do General K. R. Rokossovsky, que contava com cinco exércitos de fuzileiros³ (13º, 48º, 60º, 65º e 70º), um de tanques (2º) e um aéreo (16º), além de dois corpos de tanques. A Frente Central contava com 1.647 veículos blindados de combate de todos os tipos, dos quais 1.155 eram tanques médios e pesados. A aviação contava com 455 caças, 241 aviões de ataque ao solo e 260 bombardeiros diurnos.

O flanco sul era defendido pela Frente de Voronezh, do General Nikolai Vatutin, também composto por cinco exércitos de fuzileiros (38º, 40º, 69º, 6º de Guardas e 7º de Guardas), um de tanques (1º) e um aéreo (2º), além de dois corpos de tanques de guardas, totalizando 1.843 blindados de todos os tipos, dos quais 1.621 eram tanques médios e pesados. A sua aviação contava com 389 caças, 276 aviões de ataque ao solo e 172 bombardeiros diurnos. Além disso, as duas frentes teriam o apoio do 17º Exército Aéreo da Frente Sudoeste e da Força Aérea Estratégica.

Atrás dessa formidável defesa, estavam as forças da Frente da Estepe, do Coronel-General Ivan S. Konev, destinadas a contra-atacar qualquer penetração que os alemães conseguissem ou lançar uma ofensiva própria, conforme as circunstâncias. Era composta por cinco Exércitos de fuzileiros (27º, 47º, 53º, 4º de Guardas e 5º de Guardas), um de tanques (5º de Guardas) e um aéreo (5º), além de um corpo de cavalaria. A Frente da Este-

¹ Essas eram as 1ª, 2ª e 3ª Divisões das SS (respectivamente, *Leibstandarte*, *Das Reich* e *Totenkopf*) e a *Grossdeutschland*, do Exército, todas de elite e contando com mais tanques que as divisões Panzer convencionais, incluindo uma companhia de "Tigres".

² Na nomenclatura soviética, é usado o termo "Frente", equivalente ao "Grupo-de-Exércitos" ocidental.

³ Na nomenclatura soviética, é usado o termo "fuzileiro", ao invés de "infantaria".

pe tinha ao todo 1.701 veículos blindados, dos quais 1.380 eram tanques médios e pesados. Toda a batalha estaria sob o controle direto do Marechal Georgi K. Zhukov, provavelmente o militar de folha de serviços mais brilhante da 2ª Guerra Mundial, sem ter uma única derrota em seu rol a partir da batalha de Khalkin-Gol, contra os japoneses, em 1939.



Georgi K. Zhukov, Marechal da União Soviética.

Ao todo, estariam diante dos alemães, somente dentro do bolsão de Kursk, cerca de 1.340.000 homens, 3.300 tanques e canhões de assalto, 2.650 aviões, 13.000 canhões de campanha e morteiros, 6.000 canhões anti-tanque e 920 lançadores de foguetes (o famoso "Katyusha").

AS TÁTICAS:

A tática favorita dos comandantes de blindados alemães era a "Panzerkeil" (Cunha Blindada), uma formação de vários "V" sucessivos, onde os blindados mais pesados avançavam no "V" da vanguarda, com o vértice apontado para a frente, permitindo que os tanques dotados de blindagens mais pesadas – e que suportariam melhor os golpes das defesas – proporcionariam a ruptura da linha inimiga, permitindo então que os blindados mais leves e a infantaria, vindo atrás, aproveitassem para efetuar a consolidação do terreno e a exploração. Esta foi a tática adotada pelo Grupo-de-Exércitos Sul. As divisões blindadas de Manstein tinham frentes de apenas cerca de 3 km, o que lhes permitia uma concentração de 30 a 40 carros por quilômetro. Além disso, como a velocidade era essencial, ele deu ordens para não parar nem mesmo para socorrer tripulações de tanques imobilizados (o que se revelou uma sentença de morte para muitas delas).

Já o 9º Exército, ao contrário, estava bastante ciente de que teria pela frente fortes defesas anti-tanques. Model apostou suas fichas no trabalho das equipes infantaria-tanques, no emprego maciço de artilharia e no metódico trabalho de eliminação dos pontos-fortes, para só então lançar suas reservas blindadas. Ele tinha menos blindados que seus compatriotas no sul e havia recebido os mais novos canhões de assalto de apoio à infantaria (o "Ferdinand" e o "Brummbär"). Desse modo, a abertura do ataque se faria com nove divisões, reforçadas com canhões de assalto, das quais somente uma era Panzer (a 20ª).

As tropas alemãs de todas as armas foram submetidas a intenso treinamento nas semanas que precederam a batalha, utilizando, inclusive, tiro real e campos minados soviéticos reais.



A concentração de blindados alemães. Aqui, canhões de campanha autopropulsados "Wespe" da Divisão *Grossdeutschland* movem-se para suas novas posições antes do início da "Cidadela".

Os soviéticos, por sua vez, consideravam que toda defesa era, primordialmente, anti-tanque. Eles desenvolveram a técnica defensiva usada pelos alemães conhecida como "Pakfront" (Frente de Canhões Anti-Tanques). Cerca de dez canhões anti-tanques, normalmente de 76,2 mm, eram agrupados em posições fortificadas, cobrindo a frente de vários ângulos diferentes, mutuamente apoiados e perfeitamente camuflados. No apoio a eles havia infantaria, morteiros e artilharia de campanha. E, à frente e em volta deles, havia extensos campos minados (ao todo, foram instaladas 503.663 minas anti-tanques e 439.348 minas anti-pessoal ao longo do bolsão). A densidade dos campos minados chegava, em alguns pontos, a 1.700 minas anti-pessoal e 1.500 anti-tanque por quilômetro de frente. Além disso, havia destacamentos de engenharia que implantariam campos minados novos à frente de unidades inimigas que penetrassem a linha principal.

A primeira tarefa dos alemães, portanto, era abrir caminho nos campos minados. Mas os sapadores alemães tinham dificuldades extras. Eles não podiam utilizar detectores de metal, pois os soviéticos utilizavam muitas minas de madeira e papelão. Para piorar as coisas, a região de Kursk é rica em magnetita, a tal ponto que as bússolas não funcionavam direito ali. Com isso, os detectores de minas também não funcionavam, de forma que os alemães teriam que remover as minas literalmente “à unha”.

Havia também os grupos de destruidores de tanques, equipados com fuzis anti-tanques (já obsoletos, mas ainda úteis contra blindados mais leves), minas magnéticas, “coquetéis Molotov” e cargas explosivas. Enquanto os morteiros, as metralhadoras e a artilharia de campanha mantinham a infantaria longe dos seus tanques de apoio, esses grupos aproximavam-se pelos seus ângulos mortos e usavam todos os seus recursos para incapacitar o blindado inimigo.

Como os alemães, as tropas soviéticas também foram submetidas a treinamento, incluindo as unidades que mantinham a linha de frente, através do rodízio de pequenas unidades. A ênfase de todo o treinamento era a destruição de blindados, a ponto de Krushchev, futuro premier soviético, mas então membro do Soviet Militar da Frente Central, ter declarado que todo soldado devia saber os pontos fracos do tanque “Tigre” tão bem como sabia o “Pai Nosso”.

Os soviéticos também realizaram um prodigioso trabalho de camuflagem, tanto escondendo instalações reais quanto criando posições falsas. Diversos relatos da batalha dão conta de que os atacantes só descobriam estar num campo minado ou próximo a um ponto forte depois que o primeiro tanque explodia.

Os soviéticos, porém, cometeram um pequeno equívoco: concluíram que o esforço principal alemão seria no norte, tendo aí concentrado mais meios que no sul. Mas, em vista das maciças concentrações de recursos em todo o bolsão, esse erro foi quase insignificante. Em ambos os ombros do saliente de Kursk, os soviéticos desfrutavam de superioridade numérica em todos os aspectos. No norte, os defensores tinham uma superioridade de 2:1 em artilharia e de 3:2 em blindados. No sul, a superioridade era de 7:3 em artilharia e de quase igualdade em tanques (sem contar com a Frente da Estepe).

Havia ainda a agravante de que a maioria dos tanques soviéticos era o famoso T-34, em contraste com a maioria de Panzer III e IV dos alemães. E embora os novos blindados dessem aos germânicos a superioridade técnica sobre os soviéticos pela primeira vez desde o começo da guerra, não havia número suficiente deles para

compensar as massas de T-34 que logo seriam jogadas contra eles.

AS MÁQUINAS:

Os alemães depositaram grandes esperanças em suas novas máquinas. A principal delas, sem dúvida, era o Panzer VI Ausf.E “Tigre”, o tanque pesado que havia sido peça fundamental no contra-ataque de Manstein poucos meses antes. O “Tigre” I que participou da batalha de Kursk pesava 56 toneladas, tinha blindagem de até 100 mm e era armado com o canhão KwK 36 L/56 de 88 mm, além de duas metralhadoras de 7,92 mm.



“Tigre” I

O Panzer V Ausf.D “Pantera” chegou a Kursk mais como uma promessa do que como uma ameaça real, pois ele ainda sofria de sérios problemas mecânicos. Ele equipou um batalhão da *Grossdeutschland* e a 10ª Brigada Panzer (a 2ª Divisão *Das Reich* também recebeu algumas unidades dele). Era armado com um canhão KwK 42 L/70 de 75 mm e 2 metralhadoras de 7,92 mm. Seu peso era de 45,5 toneladas e sua blindagem máxima era de 100 mm.



O “Pantera” Modelo “D”. Poderoso, mas ainda indigno de confiança.

O cavalo-de-batalha da arma blindada alemã, porém, continuava sendo o Panzer IV, então nos modelos G e H. Este era armado com um canhão KwK 40 L/48 de 75 mm e 3 metralhadoras de 7,92 mm. Pesava 23,5 toneladas e sua blindagem máxima era de 80 mm, além de placas verticais de 5 mm fixadas nas laterais do chassi e da torre, para evitar armas anti-tanques de carga oca.



Panzer IVH

Apesar de obsoleto, mais de 460 Panzer III ainda estavam em serviço como tanques de 1ª linha, nas versões J, L e M, armados com o canhão de 50 mm longo. De fato, a batalha de Kursk marcou o último emprego do Panzer III como tanque de batalha, sendo relegado depois apenas para a função de apoio, tendo uma versão, a N, especialmente produzida para essa função. Era armado com um canhão KwK 39 L/60 de 50 mm e 3 metralhadoras de 7,92 mm. Pesava 22,3 toneladas e sua blindagem máxima era de 50 mm, tendo recebido também placas verticais extras de 5 mm no chassi e na torre. A sua versão de lança-chamas (Flammpanzer) também participou da batalha.



Panzer IIIM

O canhão autopropulsado "Ferdinand", baseado no protótipo recusado da Porsche para o "Tigre", pesava 65 toneladas e sua blindagem chegava a

200 mm. Era armado com o devastador canhão Pak 43/2 L/71 de 88 mm, que podia penetrar 226 mm de blindagem a 30° à distância de 450 metros. Porém, ele não tinha armamento secundário, o que fazia dele uma presa apetitosa para os grupos de destruidores de tanques soviéticos.



"Ferdinand"

O Sturmpanzer "Brummbär" era um canhão de assalto pesadamente blindado destinado à destruição de fortificações. Era armado com um obuseiro StuH 43 L/12 de 150 mm, pesava 28,2 toneladas e sua blindagem chegava a 100 mm.



"Brummbär"

Também participaram da batalha de Kursk os canhões autopropulsados de campanha "Wespe" e "Hummel", presentes em bons números pela primeira vez, o estreante caça-tanques "Hornisse", ao lado de modelos mais antigos como o Marder II, e o canhão de assalto StuG III.

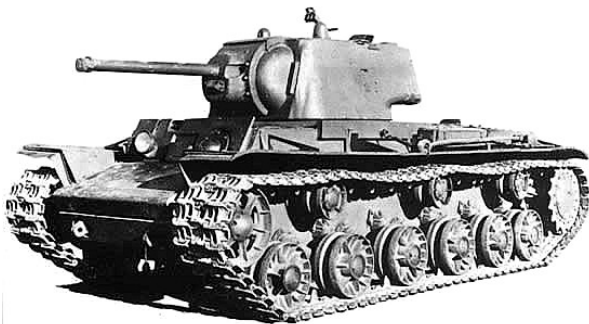
Os aviões alemães ainda eram os mesmos tipos que participaram da "Barbarossa" dois anos antes, embora em modelos mais recentes. Os caças alemães eram principalmente o Fw 190A-5 e o Me 109G-6 "Gustav". Entre os aviões de ataque ao solo, enquanto o novo Henschel Hs 129B, avião anti-tanque, fazia a sua estréia em bons números, o veterano Ju 87 Stuka (nas versões D e G) fazia a sua despedida da função de bombardeiro de mergulho, pois ele só podia sobreviver onde a Luftwaffe tinha a supremacia aérea, o que já estava se tornando coisa do passado. Os bombardeiros de nível ainda eram o He 111 e o Ju 88, nas versões H-16 e A-4, respectivamente.

Do lado soviético, o T-34 foi o tanque onipresente em toda a batalha. Em Kursk, o Modelo 1942⁴, de torre hexagonal soldada, já se fazia presente em grandes números. Ele pesava 27,8 T e era armado com 1 canhão F-34 Modelo 1940 de 76,2 mm e 2 metralhadoras de 7,62 mm. Sua blindagem máxima, na torre, era de 65 mm.



O novo T-34.

Apesar de menos numeroso (cerca de 200 unidades em Kursk), o KV-1 ainda estava em serviço em meados de 1943, embora já estivessem em vias de produção o KV-85 (um KV com uma nova torre e um canhão de 85 mm) e seu sucessor definitivo, o JS. Ele pesava 42,5 toneladas, tinha blindagem máxima de 82 mm e era armado com 1 canhão F-34 Modelo 1940 de 76,2 mm e 3 metralhadoras de 7,62 mm.



KV-1

Os soviéticos depositaram uma grande parcela da tarefa de deter os alemães às suas armas anti-tanques. Embora fossem utilizados calibres de 45 e 57 mm, o canhão anti-tanque mais importante dos soviéticos nessa ocasião era o ZiS-3 de 76,2 mm, que participou da batalha em carreta de campanha ou na versão autopropulsada, o SU-76. Este pesava 11,2 toneladas e sua blindagem

⁴ A maioria das fontes designa esse modelo como "1943", mas, de fato, ele foi lançado em 1942, só se tornando de uso geral no ano seguinte, motivo do equívoco.

máxima era de 35 mm. Equipava os regimentos de canhões AT autopropulsados e podia atuar como anti-tanque ou como apoio de infantaria.



SU-76, versátil canhão autopropulsado.

Lançado em janeiro de 1943, o SU-122 era um canhão de assalto baseado no chassi do T-34. Inicialmente, equipou com pequenos números os regimentos de SU-76. Era excelente contra pontos-fortes, mas não tinha bom desempenho como anti-tanque. Ele era armado com 1 canhão M-30S de 122 mm, tinha blindagem máxima de 45 mm e pesava 30 toneladas.



SU-122.

Kursk também marcou a estréia do SU-152, um SU-122 armado com canhão de 152 mm, que esteve presente em pequena quantidade. Os soviéticos contavam também com tanques leves T-70 (inúteis contra tanques) e alguns modelos fornecidos pelos aliados ocidentais, em particular o tanque médio M3 "Lee" americano e o tanque pesado Churchill britânico. Considerados muito inferiores aos seus próprios modelos, foram mesmo assim lançados em batalhas importantes como em Stalingrado e Kursk, às vezes em unidades de Guardas.

A aviação soviética finalmente começava a apresentar aparelhos tão bons quanto seu inimigo. Entre os caças, o Yak-3 fazia a sua estréia, combatendo ao lado de aparelhos como o Yak-1M, o Yak-9D e o La-5FN. O Il-2m3 "Shturmovik" era então considerado o melhor avião de ataque ao solo do mundo, armado com dois canhões anti-tanques de 37 mm e bombas. O versátil Pe-2 era o bombardeiro leve padrão da Força Aérea Vermelha e o Pe-8 e o DB-3F, bombardeiros de nível

da Força Aérea Estratégica, também deram sua contribuição.

04/07/43 - PRELIMINARES:

Na véspera do início da “Cidadela”, Hoth lançou uma série de ataques contra postos avançados soviéticos. Na frente do 48º Corpo Panzer, o objetivo era uma série de cristas, de onde observadores soviéticos poderiam vigiar a concentração das forças alemãs para o ataque principal. O ataque começou às 14:45 h, precedido por um ataque de 100 aviões (na maioria Stukas) e pesada preparação de artilharia. Embora houvesse ordens proibindo o uso de tanques, os panzergrenadiere das três divisões blindadas do Corpo tiveram o apoio de canhões de assalto, o que fez os russos informarem estar sendo atacados por tanques. Apesar da chuva e dos extensos campos minados, os objetivos foram conquistados. Os defensores da 71ª Divisão de Fuzileiros de Guardas haviam oferecido uma resistência irresoluta e recuado para as suas linhas de defesa principais. O 52º Corpo e o 2º Corpo Panzer SS, respectivamente à esquerda e à direita do 48º, também realizaram ataques limitados em suas frentes. Apesar da considerável melhoria na situação tática, os alemães haviam destruído qualquer esperança de obter surpresa no dia seguinte.

05/07/43 - COMEÇA A “CIDADELA”:

Os comandantes soviéticos estavam informados de que os alemães atacariam entre 3 e 6 de julho e colocaram as suas forças em alerta. Para acabar de vez com a possibilidade de surpresa, os soviéticos foram alertados por prisioneiros e desertores quanto ao horário do ataque.

No norte, os soviéticos prepararam uma calorosa recepção para os atacantes. Pouco antes do início programado da preparação de artilharia alemã, às 3:30 h, a artilharia soviética bombardeou as posições das baterias alemãs, desorganizando unidades e arruinando a programação original. De fato, os comandos locais receberam que o bombardeio fosse o prelúdio de um ataque russo. Com isso, a artilharia alemã só conseguiu abrir fogo às 4:30 h, com uma hora de atraso. O 41º Corpo Panzer e o 23º Corpo começaram seus ataques às 5:30 h, mas os 46º e 47º Corpos Panzer só partiram uma hora depois.

Oito divisões de infantaria e uma Panzer atacaram numa frente de 40 km, defendida pelos 13º e 70º Exércitos. A 20ª Divisão Panzer e as 6ª e 292ª Divisões de Infantaria, apoiadas por tanques “Tigre”, canhões “Ferdinand” e Stukas, se abateram sobre as 15ª e 81ª Divisões de Fuzileiros soviéticas, obrigando os russos a recuar cerca de

7 km. Porém, em Alexandrovka, na frente da 292ª Divisão, os “Ferdinand” atravessaram as linhas inimigas, enquanto a sua infantaria era detida e teve que abrir caminho à força para se reunir a eles. No flanco esquerdo, as 86ª, 78ª e 216ª Divisões de Infantaria exerceram forte pressão contra as 294ª, 148ª e 8ª Divisões soviéticas (a última pertencente ao 48º Exército), fazendo-a recuar cerca de 6 km, mas um contra-ataque blindado deteve os alemães, frustrando o avanço destes para Maloarkhangesk. Na frente do 70º Exército, a 132ª Divisão também recuou cerca de 2 km. Ao fim do dia, o 9º Exército havia conseguido um avanço de 6,5 km, ao custo de pesadas baixas (mais de 100 blindados só no primeiro dia). Porém, embora tivessem conseguido penetrar o primeiro cinturão de defesas numa frente de 42 km, os germânicos haviam apenas atingido o segundo.

Do lado soviético, Rokossovsky compreendeu que as principais forças blindadas alemãs ainda não haviam sido empenhadas e que a maltratada 15ª Divisão de Fuzileiros oferecia a melhor oportunidade de uma penetração. Ele ordenou então a transferência de reservas para o setor ameaçado, à espera de um maciço ataque blindado para o dia seguinte.



Um tanque “Tigre” da *Das Reich* e infantaria avançam. Vai começar a batalha.

Ao sul, Vatutin também recebeu informes referentes ao início do ataque alemão e ordenou uma barragem de artilharia de 600 canhões contra as posições alemãs às 2:30 h. Diferente do bombardeio no norte, que visou principalmente às posições da artilharia alemã, essa barragem visou os locais previstos de concentração das forças atacantes, mas elas ainda não haviam chegado a esses pontos e o bombardeio acabou causando poucas baixas, embora causasse sérios problemas de organização. Contudo, não alterou a programação alemã, que iniciou a sua própria preparação, como planejado, às 4:00 h, com um pesado ataque aéreo, seguido de um violento bom-

bardeio de artilharia (durante 50 minutos, foram disparadas mais granadas de artilharia na frente do Grupo-de-Exércitos Sul do que nas campanhas da Polônia e da França juntas).

Os soviéticos ainda deram um grande azar, pois um violento ataque aéreo, cuidadosamente planejado para pegar os aviões alemães se armando e abastecendo ainda nos aeródromos, foi frustrado pelo uso de um equipamento *Freya* (um radar primitivo), que alertou os alemães e permitiu que eles lançassem grande quantidade de caças para interceptá-lo. No que provavelmente foi a maior batalha aérea do front russo de toda a guerra, mais de 500 aviões se enfrentaram. As perdas de aviões soviéticos foram muito pesadas e, com isso, os alemães desfrutaram de uma temporária superioridade aérea local.

Apesar da chuva que caía à noite e que transformara o terreno em um lamaçal, as forças de Manstein partiram às 5:00 h e tiveram melhor êxito que seus compatriotas no norte. A maciça concentração de blindados (cerca de 1.000 tanques e 350 canhões de assalto), as deficiências do reconhecimento aéreo soviético naquele setor e a existência de duas massas blindadas independentes (o 4º Exército Panzer e o Destacamento Kempf) fizeram com que Vatutin tivesse muito mais dificuldades que Rokossovsky.

Hoth, no comando do 4º Exército, tinha a tarefa principal de romper a linha russa e travar contato com o 9º Exército em Kursk. O eixo mais curto seria através de Oboyan, mas Hoth estava ciente de que o 1º Exército de Tanques soviético estava postado exatamente ali para barrá-lo. Portanto, decidiu rumar para Prokhorovka, de onde ele poderia atacar separadamente o 1º Exército de Tanques ou quaisquer reservas que viessem do leste, que teriam que passar por aquela cidade.

O 48º Corpo Panzer avançou na direção de Cherkasskoye, confiando no poderio da Divisão *Grossdeutschland* e dos "Panteras" da 10ª Brigada Panzer. Porém, mal iniciaram o ataque, os "Panteras" caíram em um enorme campo minado, perdendo 36 tanques. A *Grossdeutschland*, porém, conseguiu penetrar a frente da 67ª Divisão de Fuzileiros de Guardas, o mesmo fazendo a 11ª Panzer à sua direita. Após uma luta de inaudita ferocidade, os alemães ocuparam a localidade e os poucos defensores sobreviventes tiveram que recuar. À esquerda, a 3ª Panzer e a 332ª Divisão de Infantaria avançaram, a despeito do terreno e das minas, contra forte oposição da 71ª Divisão de Fuzileiros de Guardas e, ao fim do dia, haviam chegado ao rio Pena, a 6 km do ponto de partida.

O 2º Corpo Panzer SS lançou-se contra a veterana 52ª Divisão de Fuzileiros de Guardas e a 375ª Divisão de Fuzileiros. No início o avanço foi relativamente rápido, com as cunhas blindadas atra-

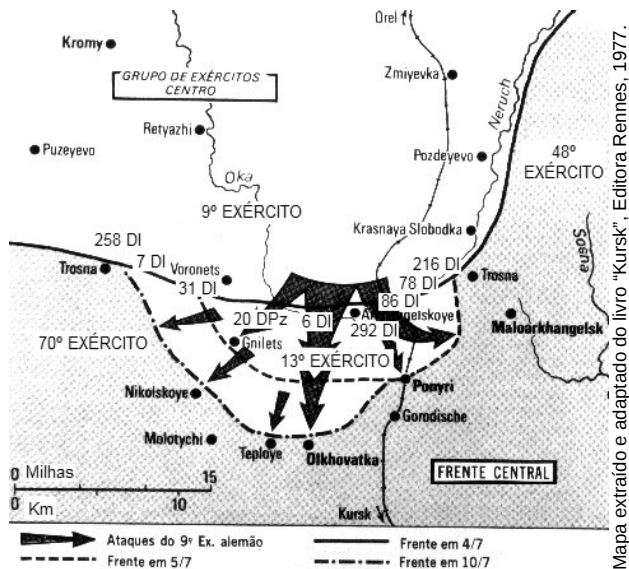
vessando as trilhas que haviam sido limpas de minas pelos sapadores na véspera. Mas logo a resistência recrudescceu e, numa luta que durou todo o dia, os SS lograram romper as defesas soviéticas e avançar cerca de 15 km, mas não sem pesadas baixas.

O Destacamento Kempf cruzou o rio Donets buscando atingir Korocha, com a missão de cobrir o flanco direito do 4º Exército Panzer, mas, apesar de conquistar terreno, não logrou romper a frente do 7º Exército de Guardas (antigo 64º Exército, veterano de Stalingrado) e seu avanço, em consequência, foi muito mais lento. À sua esquerda, a 168ª Divisão de Infantaria, com o apoio de tanques da 6ª Divisão Panzer, partiu da cabeça-de-ponte de Belgorod e só conseguiu avançar 3 km, contra tenaz oposição da 81ª Divisão de Infantaria de Guardas. No centro, as 7ª e 19ª Divisões Panzer, com apoio dos "Tigres" do 503º schwere Panzer Abteilung (sPzAbt), conseguiram atravessar o Donets, mas enquanto a 7ª Panzer, à direita, conseguiu romper a primeira linha de defesa da 78ª Divisão de Fuzileiros de Guardas, a 19ª não conseguiu ultrapassar o perímetro da cabeça-de-ponte, em função da resistência encontrada e dos intermináveis campos minados. À direita, as 106ª e 320ª Divisões de Infantaria também atravessaram o Donets, mas não conseguiram penetrar as linhas de defesa principais e se limitaram a estabelecer posições de proteção de flanco. Durante a noite, o comandante do 3º Corpo Panzer (a ponta-de-lança do Destacamento Kempf) decidiu retirar a 6ª Divisão Panzer da cabeça-de-ponte de Belgorod e fazê-la atravessar o Donets na cabeça-de-ponte da 7ª Panzer. Embora ele estivesse reforçando o ponto de maior sucesso, isso permitiu que um saliente soviético se mantivesse entre o Destacamento Kempf e o 2º Corpo Panzer SS, propiciando uma base para o lançamento de ataques contra o flanco dos SS, o que obrigou a *Totenkopf* a proporcionar uma guarda de flanco para o corpo.

Os campos minados haviam infernizado a vida dos atacantes, causando atrasos e baixas (incluindo o General Schäfer, comandante da 332ª Divisão de Infantaria). Mas, o primeiro cinturão de defesas da Frente de Voronezh havia sido rompido em dois lugares, criando uma situação muito grave. As reservas de Vatutin foram logo aspiradas para a frente, mas, diante de Hoth, haviam sido forçadas a recuar para o segundo cinturão.

Pelo fim do primeiro dia de batalha, ambos os lados haviam sofrido baixas muito pesadas, mas enquanto os soviéticos se permitiam a isso, desde que causasse danos e atrasos ao inimigo, os alemães estavam perdendo material valioso e soldados que seriam cada vez mais difíceis de substituir.

Nos céus, a batalha foi tão encarniçada quanto em terra. Só no primeiro dia da operação, a Luftwaffe anunciou a derrubada de 432 aviões inimigos (certamente um exagero).



O ataque no norte.

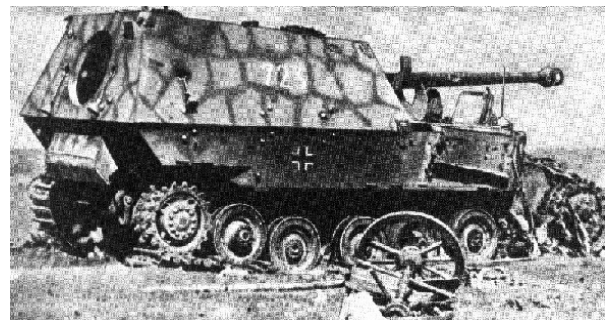
06/07/43:

No dia seguinte, a batalha cresceu de intensidade. Model continuou empurrando suas forças à frente, mas as tropas alemãs descobriram, desconcertadas, que durante a noite os soviéticos haviam trazido canhões e tanques para substituir os que haviam sido destruídos na véspera, obrigando os alemães a conquistar novamente posições que já haviam sido neutralizadas. A 18ª Divisão de Fuzileiros de Guardas foi trazida da Frente Oeste para reforçar a defesa de Maloarkhangel'sk, o 3º Corpo de Tanques foi postado ao sul de Ponyri, o 17º Corpo de Fuzileiros de Guardas reforçou a frente ameaçada do 13º Exército e dois Corpos de Tanques (16º e 19º) foram concentrados na região de Olkhovatka. Os soviéticos então efetuaram uma série de contra-ataques em toda a linha. O mais sério deles foi o executado pelo 16º Corpo, nas primeiras horas da manhã, com cerca de 100 tanques (T-34 e T-70), chocando-se frontalmente com a 2ª Divisão Panzer, que se aproximava para atacar, sendo facilmente rechaçado após avançar cerca de 2 km. Nas frentes da 86ª e da 292ª Divisões, a 12ª Divisão Panzer e a 10ª Panzergrenadier tiveram que intervir, apesar de Model ter destacado previamente essas duas divisões para a prevista ruptura. Os alemães então avançaram para Olkhovatka e para a cota 274. Ambos os comandantes sabiam que a conquista daquela posição abriria uma brecha no dispositivo soviético, o que permitiria a

arremetida do 9º Exército na direção de Kursk. Porém, Rokossovsky havia dado atenção especial àquele setor, de forma que aquela era uma área extensamente fortificada.

Model havia lançado o 47º Corpo Panzer (2ª e 9ª Divisões Panzer, reforçadas com os "Tigres" do 505º sPzAbt) exatamente contra esse ponto. Pelo meio-dia, mais de 900 blindados estavam em ação em toda a frente do 9º Exército, mas sem obter qualquer sucesso. Os alemães estavam "quebrando os dentes" em Olkhovatka. No flanco esquerdo, o renovado ataque contra Maloarkhangel'sk também não deu resultado algum.

Ao fim do segundo dia de batalha, Model havia penetrado apenas 10 km, ao custo de pesadas baixas em homens e blindados. Pior ainda, o 47º Corpo Panzer estava perigosamente exposto e detido diante de Olkhovatka.



A grande frustração: um "Ferdinand" destruído.

No sul, o 4º Exército Panzer retomou o ataque. O 48º Corpo Panzer perdeu mais tempo devido à lama e às minas do que lutando. Nos combates do dia, ele avançou até cerca de 10 km da linha de partida, repelindo as 71ª, 67ª e 52ª Divisões de Fuzileiros de Guardas para trás do rio Pena. Na frente do 2º Corpo Panzer SS, a *Leibstandarte* destruiu as defesas da 52ª Divisão de Fuzileiros de Guardas, arrebanhando cerca de 1.600 prisioneiros. Mais adiante, na região de Yakovlevo, chocou-se com a 1ª Brigada de Tanques de Guardas, que foi repelida deixando uma dúzia de T-34 em chamas no terreno. A *Das Reich*, por seu lado, havia atingido a aldeia de Luchki pelo meio-dia, onde encontrou os tanques Churchill do 48º Regimento de Tanques Pesados. A *Totenkopf*, porém, não realizou nenhum progresso, tendo ficado ocupada todo o dia detendo contra-ataques russos. Mas o avanço dos SS representava uma séria ameaça de ruptura na frente do 6º Exército de Guardas. Ao fim do dia, o 2º Corpo Panzer SS, contando com forte apoio aéreo, conseguiu penetrar 20 km desde o início da ofensiva, rompendo o segundo cinturão de defesa soviético. Contudo, o Destacamento "Kempf" estava muito atrasado, o que deixava o flanco do Corpo SS vulnerável. Devido a isso, ao fim do dia, mais

de 30% dos blindados de Manstein estavam cumprindo tarefas de guarda de flanco, o que enfraquecia o esforço principal.

Embora no plano original o Destacamento Kempf visasse Korocha, o comandante do 3º Corpo Panzer concluiu que ele perderia tempo demais para superar as defesas postadas ali e preferiu rumar para o norte, tentando cumprir a tarefa mais importante de proteger o flanco do 4º Exército Panzer. Ele havia terminado o primeiro dia ainda com o grosso de seus blindados atrás do rio Donets, mas, ao amanhecer do dia 6, as 7ª e 19ª Divisões Panzer iniciaram a marcha para Rzhavets, apoiadas pela 168ª Divisão de Infantaria. Elas colidiram com um contra-ataque inimigo, o qual foi repellido, e então conseguiram romper a linha soviética, permitindo à 6ª Panzer se inserir entre ambas. Ao fim do dia, as vanguardas alemãs haviam chegado a Yastrebovo.

No fim do dia 6, Vatutin, por telefone, informou a Stalin que suas tropas já haviam destruído 332 blindados inimigos. A *Leibstandarte* então já havia sofrido perdas de infantaria da ordem de 10% de seu efetivo original.

07/07/43:

Na frente do 13º Exército, os tanques do 19º Corpo de Tanques receberam ordem de se enterrar e assim mantiveram a linha durante os furiosos combates dos dias subsequentes. Contra eles, Model lançou quatro divisões Panzer (2ª, 9ª, 18ª e 20ª). Atacando em dois eixos, contra Teploye e Olkhovatka, os alemães conseguiram penetrar as defesas em Samodurovka. Em Ponyri, os alemães retomaram o ataque, trazendo elementos das 9ª e 18ª Divisões Panzer para reforçar as três divisões de infantaria que desde o dia 5 batiam cabeça contra a localidade. Um feroz combate de casa em casa rugiu nos dias subsequentes, dando a Ponyri o título de “Pequena Stalingrado”. Em três dias de combate, Model havia sofrido mais de 10.000 baixas em homens. As perdas de blindados também haviam sido muito pesadas, a ponto do 653º Batalhão de “Ferdinands” não ter um único veículo operacional ao fim desse dia.

No sul, o 4º Exército Panzer forçou os soviéticos a empenhar mais reservas na tentativa de deter a ofensiva alemã. No flanco esquerdo, as 3ª e 11ª Divisões Panzer e a *Grossdeutschland* atacaram o 31º Corpo de Tanques e o 3º Corpo Mecanizado, componentes do 1º Exército de Tanques. A *Grossdeutschland* capturou a aldeia de Dubrova e rechaçou o 3º Corpo Mecanizado para trás do rio Pena, última posição defensiva antes de Oboyan. Ao fim do dia, a 10ª Brigada Panzer tinha apenas 40 “Panteras” operacionais. O 1º Exército de Tanques soviético havia sido bastante maltratado e

e seu comandante, General Katukov, ordenou que os tanques sobreviventes fossem enterrados como casamatas. A *Leibstandarte* e a *Das Reich*, com forte apoio aéreo, prosseguiram rumo a Oboyan, se envolvendo em violento combate na aldeia de Teterevino, defendido pela 29ª Brigada Anti-Tanque. O 5º Corpo de Tanques de Guardas e os 2º e 31º Corpos de Tanques realizaram diversos contra-ataques, mas, ao fim do dia, os SS haviam tomado a vila e capturado todo o Estado-Maior de uma brigada de fuzileiros, além de destruir 117 tanques inimigos. Estava aberto o caminho para a última linha de defesa no rio Psel.

O 6º Exército de Guardas começava a apresentar sinais de colapso, com unidades recuando desordenadamente. Além disso, o Destacamento Kempf também havia conseguido algum progresso no dia, levando a Frente de Voronezh a um princípio de crise. Mais reservas foram trazidas para a frente do 1º Exército de Tanques e do 6º Exército de Guardas (inclusive retiradas do sossegado 40º Exército). Enquanto isso, os soviéticos aproximavam da frente o 10º Corpo de Tanques e o Stavka ordenava que o 5º Exército de Guardas e o 5º Exército de Tanques de Guardas deixassem a Frente da Estepe e rumassem para a área de Prokhorovka. Para dramatizar ainda mais a situação, Vatutin baixou uma ordem categórica de que “em nenhuma hipótese os alemães poderiam atingir Oboyan”.

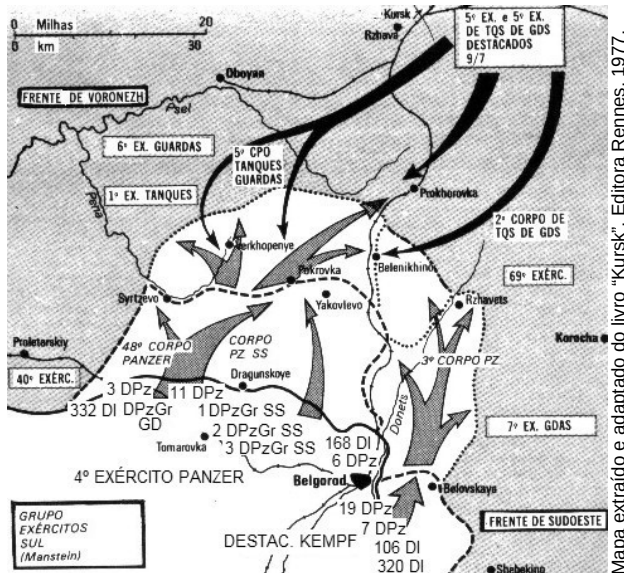
08/07/43:

Model lançou a sua última reserva blindada, a 4ª Divisão Panzer, contra a aldeia fortificada de Teploye, juntamente com elementos de outras três divisões Panzer (2ª, 9ª e 20ª), apoiados pela 6ª Divisão de Infantaria e forte artilharia. Model também foi reforçado com a transferência do sul de diversas unidades aéreas. Nos três dias de furiosos combates que se seguiram, o 33º Regimento Panzergrenadier (parte da 4ª Divisão Panzer) capturou as cristas por três vezes e por três vezes foi repellido. A 3ª Brigada Anti-Tanques soviética foi praticamente aniquilada, mas os soviéticos continuaram senhores do terreno e as perdas alemãs foram pesadas. Em Olkhovatka, os alemães conseguiram romper as defesas anti-tanques, mas foram detidos diante da Cota 274, que continuou em poder dos soviéticos, a despeito dos repetidos ataques feitos pela 6ª Divisão de Infantaria.

Rokossovsky passou então a retirar tropas de setores mais calmos, nas áreas dos 60º e 65º Exércitos, para reforçar o sofrido 13º.

Na frente do 48º Corpo Panzer, os soviéticos realizaram uma série de contra-ataques. A 3ª Divisão Panzer teve que lidar com ataques de

mais de 100 tanques da 112ª Brigada de Tanques e das 1ª e 10ª Brigadas Mecanizadas. A 11ª Divisão Panzer e a *Grossdeutschland*, a despeito de também sofrerem violentos contra-ataques, avançaram ombro-a-ombro.



O ataque no sul

O 2º Corpo Panzer SS teve um dia bastante agitado. Às 9:20 h, a *Leibstandarte* chocou-se com as 31ª e 192ª Brigadas de Tanques, a 29ª Brigada Anti-Tanque e elementos da 51ª Divisão de Fuzileiros de Guardas. Uma coluna soviética atingiu as posições da artilharia da divisão, causando um caos na retaguarda alemã, forçando o Corpo SS a utilizar todas as suas reservas, inclusive o batalhão de reconhecimento da *Totenkopf* (praticamente toda essa divisão estava então imobilizada, cumprindo a tarefa de guarda de flanco). Apesar de tudo, o corpo avançou cerca de 10 km, destruiu 183 tanques e capturou 2.192 prisioneiros – a maior quantidade arrebanhada em um único dia durante a ofensiva.

Um grande ataque de tanques e infantaria efetuado pelo 2º Corpo de Tanques de Guardas (vindo da reserva da Frente Sudoeste) contra o flanco do 2º Corpo Panzer SS foi detectado e devastado por uma força de Hs-129 e Fw 190 do Schlachtgeschwader 1, perdendo os soviéticos 50 tanques. Foi uma das raras ocasiões na história em que uma força blindada havia sido destruída exclusivamente por unidades aéreas.

À direita, o Destacamento Kempf abria caminho à força, tentando desesperadamente alcançar o ponto de onde ele apoiaria o ataque do 4º Exército Panzer contra Prokhorovka. O 3º Corpo Panzer lançou um ataque coordenado contra as 92ª e 94ª Divisões de Infantaria de Guardas. A linha soviética foi rompida e os alemães atingiram um ponto

20 km além da linha de contato de 5 de julho. Contudo, a 7ª Divisão Panzer passou a se dedicar mais a proporcionar uma guarda de flanco para que a 6ª pudesse avançar. O 7º Exército de Guardas estava se assanhando em efetuar contra-ataques limitados contra o flanco estendido e isso estava atraindo cada vez mais a atenção dos comandos alemães. Nos combates do dia, a 19ª Panzer perdeu seu comandante, o general Gustav Schmidt.

Por um lado, este foi um dia de sucessos para os alemães, com avanços maiores, objetivos alcançados e maior número de tanques inimigos destruídos e prisioneiros arrebanhados. Contudo, as baixas haviam reduzido bastante o poderio das divisões alemãs, enquanto as inesgotáveis reservas soviéticas não paravam de chegar. Era cada vez mais óbvio que o objetivo de romper rapidamente a frente e cercar o grosso dos exércitos soviéticos antes da chegada de reforços já estava baldado. Além disso, em nenhum ponto a penetração havia ido muito além de 20 km e ainda faltavam 100 para chegar a Kursk, aonde o 9º Exército aparentemente não chegaria nunca.

09/07/43:

No norte, Model continuava buscando uma ruptura, sem sucesso. Em Ponyri, o 508º Regimento de Infantaria (parte da 292ª Divisão), apoiado por um punhado de "Ferdinands", conseguiu tomar a cota 253.3, mas não conseguiu ir além. Model gastou a maior parte do dia reorganizando suas forças para as batalhas decisivas do dia seguinte. Também nesse dia, a 167ª Divisão de Infantaria substituiu a *Totenkopf* na missão de guarda de flanco, permitindo a essa divisão reunir-se ao restante do Corpo Panzer SS para o prosseguimento do avanço para Prokhorovka.

Após um duro combate na aldeia fortificada de Syrtsevo, o batalhão de reconhecimento da *Grossdeutschland* realizou um ousado avanço e penetrou na aldeia de Verkhopenye e, mais importante, capturou a sua ponte sobre o rio Pena, que os engenheiros rapidamente prepararam para a travessia de equipamento pesado. Os soviéticos contra-atacaram com uma força mista de T-34 e M3 "Lee", deixando para trás 35 máquinas destruídas.

Na frente do Corpo SS, ataques e contra-ataques sucediam-se, enquanto os alemães consolidavam o terreno conquistado e procuravam avançar mais para o norte. As baixas haviam sido pesadas para ambos os lados, mas os soviéticos conseguiram retardar o avanço dos alemães, os quais estavam ainda a cerca de 20 km de Oboyan.

O 3º Corpo Panzer continuou avançando no dia 9, mas, ao norte de Melenkovo, a 6ª Panzer foi

detida por violento contra-ataque soviético. No fim do dia, Manstein ordenou que o 24º Corpo Panzer (5ª Divisão Panzergrenadier SS *Wiking* e 23ª Divisão Panzer) se deslocasse para Kharkov, visando utilizá-lo no avanço para Kursk. As divisões desse corpo, porém, estavam com seus efetivos muito reduzidos e o OKH, preocupado com os informes de concentrações soviéticas em outros pontos, nunca autorizou Manstein a utilizá-las no ataque a Kursk.

Nessa altura, porém, os soviéticos estavam cientes de que a situação na Frente de Voronezh era bastante séria. O 5º Exército de Guardas e o 5º Exército de Tanques dos Guardas já estavam se deslocando para a área ameaçada e planejou-se um ataque coordenado entre os quatro exércitos envolvidos (os dois citados, mais o 1º de Tanques e o 6º de Guardas). Porém, antes que as forças vindas da Frente da Estepe chegassem ao seu ponto de reunião, na noite de 09/07/43, o 1º de Tanques e o 6º de Guardas haviam recuado novamente sob a pressão do 48º Corpo Panzer e não tinham condições de atacar. Mesmo assim, o ataque foi marcado para a manhã de 12/07/43.



As perdas de tanques soviéticos aumentam.

Mas, o que os soviéticos não sabiam é que Hoth havia optado por um avanço na direção de Prokhorovka, onde o seu Corpo SS se encontraria com o 3º Corpo Panzer do Destacamento Kempf para enfrentar as reservas soviéticas vindas do leste. Sem saber disso, os soviéticos praticamente imobilizaram o 1º Exército de Tanques e o 6º Exército de Guardas (ou o que restara deles) diante de Oboyan. Porém, havia uma falha no plano de Hoth: o Destacamento Kempf não havia conseguido avançar tanto quanto suas forças e o flanco do Corpo SS continuava exposto. Porém, o Destacamento Kempf conseguira romper as defesas entre Melikhovo e Sasnoye e tinha agora o caminho livre para Prokhorovka.

Enquanto isso, a *Totenkopf*, que havia sido liberada de sua missão de guarda de flanco, conse-

guiu uma pequena cabeça-de-ponte sobre o rio Psel, última barreira natural entre os alemães e Kursk. A poderosa linha de defesa soviética havia sido rompida.

10/07/43:

Pelo dia 10/07/43, o avanço de Model contra Rokossovsky chegara a um impasse. Para quebrá-lo, foram renovados os ataques às cristas de Olkhovatka. Precedidos por uma impressionante preparação de artilharia e forte apoio de Stukas e bombardeiros He 111, 300 blindados das 2ª e 4ª Divisões Panzer avançaram contra as defesas inimigas, inexpugnáveis como de costume. Apesar de alguns ganhos locais, o dia terminou com nova derrota para os germânicos, com pesadas baixas, principalmente em blindados.

Na noite de 10 para 11/07/43, Model lançou a 10ª Divisão Panzergrenadier e a 31ª Divisão de Infantaria, suas últimas reservas, contra Ponyri, numa derradeira tentativa de romper o impasse em sua frente. Em vão. Embora boa parte da aldeia caísse em mãos alemãs, as baixas haviam sido assustadoras e a tão necessária ruptura não havia se realizado. O ataque ao norte havia falhado, após avançar meros 15 km. E o seu fracasso pareceu tão óbvio aos soviéticos que, na véspera, Zhukov e Stalin já haviam acertado o início do ataque contra o Bolsão de Orel para o dia 12/07/43.

No sul, o 69º Exército assumiu o setor da frente à direita do 7º Exército de Guardas e praticamente ficou com a missão de deter o Destacamento Kempf. Ele agora contava com 9 divisões de fuzileiros, o 2º Corpo de Tanques de Guardas, uma brigada de tanques, outra de destruidores de tanques, um regimento de tanques pesados (Churchill), dois de destruidores de tanques, uma brigada de artilharia e outra de foguetes. Os 27º e 53º Exércitos estavam agora também se aproximando da frente (da mesma forma que reservas vindas da Frente Central) e o 2º Exército Aéreo recebeu ordens de priorizar os combates na estrada de Oboyan.

Debaixo de chuva, a 3ª Panzer mais uma vez passou o dia rechaçando contra-ataques soviéticos, enquanto a *Grossdeutschland* se envolvia em pesado combate de tanques ao norte de Verkhopenye, onde o Regimento Panzer perdeu seu comandante, o Coronel Conde von Strachwicz. Enquanto isso, a 11ª Panzer continuou avançando para Oboyan contra feroz resistência da 309ª Divisão de Fuzileiros. Também foi mais um dia de duros combates para o Corpo SS, com poucos ganhos e muitos contra-ataques.

O Destacamento Kempf beneficiou-se de uma retirada dos soviéticos, ameaçados de cerco pe-

los SS, e conseguiu progredir alguns quilômetros. Porém, as 7ª e 19ª Divisões Panzer passaram o dia se defendendo de contra-ataques e somente a 6ª efetivamente avançou.

A Luftwaffe e a Força Aérea Vermelha pouco intervieram nos combates do dia, devido ao mau tempo.

O ímpeto dos atacantes estava começando a se abater. As perdas em homens e material haviam sido assombrosas. Somente no ombro sul, os soviéticos estimaram que os alemães já haviam perdido, até 10/07/43, 230 blindados e quase 11.000 mortos. A *Grossdeutschland*, que começara a batalha com 181 blindados, tinha agora menos de 100 (dos quais, operacionais, havia apenas 3 "Tigres", 6 "Panteras" e cerca de 10 Panzer III e IV de cano longo). As perdas nas outras unidades eram igualmente incapacitadoras. A 6ª Panzer e o 503º sPzAbt tinham apenas 22 tanques cada. A 10ª Brigada Panzer tinha apenas 38 tanques operacionais dos 200 com que começara a batalha, embora muitos estivessem fora de serviço por problemas mecânicos.

Para piorar as coisas, o ataque no norte ia de mau a pior. Model não havia conseguido romper as defesas inimigas e estava ainda a mais de 140 km da vanguarda da pinça sul. Com isso, reservas originalmente destinadas para a Frente Central tornavam-se disponíveis para reforçar a Frente de Voronezh.

11/07/43:

No norte, os soviéticos começaram a fazer tímidos ataques contra o 2º Exército Panzer (que defendia a face norte do Bolsão de Orel). No dia seguinte, Kluge ordenou a transferência da 12ª Divisão Panzer e da 36ª Divisão de Infantaria do 9º Exército para o 2º Panzer. A 20ª Panzer seguiu-as no dia 13. Para todos os efeitos, o ataque de Model ao ombro norte havia terminado.

No sul, após seis dias de pesados combates, os alemães mal haviam avançado 30 km. A chuva que caía durante alguns dias da batalha servia para retardar mais ainda o movimento dos atacantes e agora prejudicava o transporte de abastecimento para a frente (algumas unidades de artilharia não tinham mais munição devido a isso). O 48º Corpo passou o dia eliminando focos de resistência. A única divisão que prosseguiu atacando para o norte foi a 11ª Panzer, mas esbarrou em forte resistência, lama, chuva e falta de apoio aéreo e praticamente não avançou. Para piorar, os soviéticos retomaram uma crista no seu flanco direito, que havia sido tomada na véspera. O 2º Corpo Panzer SS renovou a sua ofensiva após uma pausa para reagrupamento. As forças alemãs atingiram as imediações da pequena ci-

dade de Prokhorovka, onde se chocaram com as recém-chegadas tropas do 5º Exército de Guardas. O feroz combate se estendeu por todo o dia, com a Luftwaffe se superando no apoio, apesar do mau tempo. O Tenente-General P. A. Rotmistrov, comandante do 5º Exército de Tanques de Guardas, se viu forçado a empenhar duas de suas brigadas de tanques para evitar a queda da cidade naquele dia.



Dois Panzer IVH da 5ª Companhia do Regimento Panzer da *Leibstandarte* em ação na região de Prokhorovka.

O Destacamento Kempf continuou avançando do sul, conseguindo avanços da ordem de 15 km. Contudo, apenas a 6ª Panzer podia se concentrar em atacar, pois as 19ª e 7ª tiveram que guardar ambos os flancos do corpo.

Os campos minados haviam cobrado pesado tributo aos veículos alemães. Entre 5 e 11/07/43, os soviéticos estimaram as perdas alemãs em 335 tanques (incluindo 29 "Tigres"), 30 canhões de assalto, 60 caminhões e 7 veículos blindados de transporte de pessoal. Como muitos desses pudessem ser reparados, é certo que a maioria deles foi posta novamente em serviço pelo excelente serviço de recuperação alemão, mas não deixava de ser um pesado dreno de recursos alemães num momento crítico.

O 5º Exército de Tanques de Guardas, nesse ínterim, já estava a postos para realizar o planejado ataque do dia seguinte. Estava preparado o cenário para a maior batalha de blindados de todos os tempos.

12/07/43 - A BATALHA DE PROKHOROVKA:

Rotmistrov tinha ordens de atacar ao longo da linha Prokhorovka-Yakovleva e deter o que estava se transformando numa ruptura. Ele instalou seu posto de comando no alto de uma pequena crista, de onde ele podia ver toda a planície que seria palco da batalha, bem ao estilo de um general da era napoleônica.

As ações do dia começaram por volta das 8:30 h, com um violento ataque da Luftwaffe. Pouco de-

pois, o 2º Corpo Panzer SS apareceu no horizonte, decidido a conquistar Prokhorovka. À esquerda vinha a *Totenkopf*, à direita, a *Das Reich* e, ao centro, a *Leibstandarte*. As primeiras levas de tanques alemães foram recebidas por intensa barragem de artilharia e Katyushas. Logo em seguida, os tanques soviéticos rolaram para a frente.



Os tanques de Rotmistrov atacam.

Cerca de 900 blindados (cerca de 700 soviéticos – na grande maioria T-34⁵ – e 200 alemães⁶ – dos quais, apenas 14 “Tigres”) chocaram-se numa área restrita. Os tanques soviéticos lançaram-se sobre o inimigo numa louca arremetida, literalmente atravessando as primeiras linhas de tanques alemães. O que se seguiu só pode ser definido como uma orgia de destruição. A tática russa, de se misturar numa confusa batalha com o inimigo, anulou a vantagem técnica dos canhões alemães, pois à queima-roupa o canhão russo de 76,2 mm era capaz de penetrar a blindagem do “Tigre”, com resultados catastróficos. A batalha logo degenerou em duelos de pequenos grupos de tanques, num cenário de céu nublado e dominado pela fumaça negra de inúmeros tanques em chamas.

A História Oficial soviética registra um incidente

⁵ Rotmistrov tinha 850 tanques antes da batalha, mas enviou cerca de 120 para deter o 3º Corpo Panzer. Além do T-34, estiveram presentes nessa batalha o KV-1, o Churchill (um regimento de cada), o T-70 e o SU-76.

⁶ Os dados concernentes ao número de tanques alemães na batalha de Prokhorovka têm sido muito exagerados. Uma fonte indica 100 “Tigres”, o que é impossível, pois, antes do início da “Cidadela”, o 2º Corpo Panzer SS tinha apenas 42.

que bem demonstra o encarniçamento da luta. O tanque do comandante do 2º Batalhão da 181ª Brigada do 18º Corpo de Tanques, Capitão P. A. Skripkin, foi atingido após destruir dois tanques inimigos e o capitão foi ferido. A sua tripulação abandonou o tanque em chamas e buscou abrigo numa cratera de bomba. Porém, quando o mecânico Alexander Nikolayev viu que um tanque inimigo estava indo na direção deles, retornou ao seu T-34, ligou o motor e avançou como uma bola de fogo, colidindo com o tanque inimigo a grande velocidade e provocando uma enorme explosão. No ar, ambas as forças aéreas engalfinharam-se, no afã de apoiar suas forças de terra.

Enquanto isso, os soviéticos haviam desviado forças substanciais (o equivalente a um corpo mecanizado reforçado) para deter o Destacamento Kempf a qualquer custo. Este, em sua tentativa de abrir caminho para se unir ao 4º Exército Panzer, usou de um ardil: com um T-34 capturado à testa, a 6ª Divisão Panzer avançou com os faróis ligados, à noite, através das linhas soviéticas, e capturaram a ponte sobre o rio Donets em Rzhevets. Mas os soviéticos logo perceberam que estavam sendo feitos de otários e revidaram, detendo outros avanços. O 2º Corpo Panzer SS teria que lutar sozinho.

Na extremidade oeste da frente, os 52º e 48º Corpos enfrentaram violentos e bem coordenados ataques ao longo de toda a frente. Embora todos os ataques acabassem repelidos, não sem dificuldade, o 48º Corpo Panzer não avançou um centímetro nesse dia.

Pouco antes do pôr do sol, o 5º Exército de Guardas lançou um forte ataque contra a *Totenkopf*, que se viu tendo que passar para uma postura defensiva.

Ao anoitecer, uma forte chuva caiu sobre o campo de batalha, mas a luta continuou pelas primeiras horas de escuridão.

Ao fim do dia, o 2º Corpo Panzer SS havia perdido cerca de 150 tanques e Rotmistrov, cerca de 250. E embora ainda houvesse combates nessa área até o dia 15, era óbvio que a ofensiva alemã fracassara. Não é à toa que esse ataque ficou conhecido entre os alemães como “Corrida da Morte do 4º Exército Panzer” e, entre os soviéticos, “Massacre de Prokhorovka”.

OS SOVIÉTICOS PASSAM À OFENSIVA:

No dia 13/07/43, Hitler decidiu suspender a “Cidadela”. Os aliados ocidentais haviam desembarcado na Sicília em 10/07/43 e uma de suas providências foi enviar a *Leibstandarte* para a Itália. No mesmo dia em que os blindados de Rotmistrov e de Hoth se encontravam em Prokhorovka, as Frentes de Bryansk e Ocidental lançaram suas

ofensivas contra o 2º Exército Panzer, no Grupo-de-Exércitos Centro. Os atacantes dirigiram-se para Orel e contra a retaguarda do 9º Exército, que, a 17/07/43, teve que abandonar o território conquistado à custa de tanto sangue derramado. Era o início da planejada ofensiva soviética.

Apesar disso, Manstein insistiu na continuação da ofensiva, alegando que a pressão que ele estava exercendo estava atraindo as unidades blindadas soviéticas que, se liberadas, poderiam ser utilizadas ofensivamente alhures. Além disso, argumentava que faltava muito pouco para obter uma grande vitória no sul e que virar as costas a isso naquele momento seria um grande erro. Mas a operação foi definitivamente suspensa e os soviéticos atacaram logo depois, utilizando tropas frescas. Nada menos que sete exércitos estavam atrás do bolsão de Kursk, imediatamente disponíveis e prontos para atacar (os 27º, 47º, 53º e 4º de Guardas da Frente da Estepe e os 11º, 3º de Tanques de Guardas e 4º de Tanques). Manstein, dessa vez, estava redondamente enganado.

Porém, ele obteve permissão de continuar atacando no sul. No dia 13/07/43, o reagrupado 2º Corpo Panzer SS lançou a *Das Reich* contra o 18º Corpo de Tanques, a leste de Prokhorovka, conseguindo romper as defesas soviéticas, apenas para serem contra-atacados em outra confusa batalha por duas brigadas de Guardas (10ª Mecanizada e 24ª de Tanques).

Nos dias subseqüentes, os alemães conseguiram fechar a brecha entre o Corpo Panzer SS e o Destacamento Kempf, criando sérios problemas para a Frente da Estepe, que então ocupava a linha com apenas três exércitos (7º de Guardas, 53º e 69º), dos quais o 53º era o único que ainda não havia sido sangrado. A Frente da Estepe, que originalmente se destinara a realizar uma ofensiva, agora mal se agüentava em pé.

Mas isso não mudava em nada o resultado da batalha. À medida que os exércitos das Frentes Oeste e de Bryansk avançavam para erradicar o bolsão de Orel e Hitler começava a transferir suas tropas para a Itália, já devia ser evidente que não havia mais nada a se ganhar em Kursk.

A 16/07/43, para piorar os pesadelos dos alemães, as Frentes Sul, Sudoeste e Norte do Cáucaso iniciaram suas próprias ofensivas, na Ucrânia e no Cáucaso. O 4º Exército Panzer iniciou sua retirada para uma linha mais defensável na noite de 17 para 18/07/43. A 23/07/43, Vatutin estava de volta à linha que ocupava antes da "Cidadela" e, um mês depois, as tropas soviéticas entravam em Kharkov, agora definitivamente. As ofensivas soviéticas agora se sucediam como um boxeador que alterna os golpes, deixando o oponente desorientado. E elas só cessariam em Berlim, em maio de 1945.



As ofensivas soviéticas sucedem-se.

O PREÇO:

É uma tarefa difícil determinar as perdas de ambos os lados na Batalha de Kursk. Em primeiro lugar, os soviéticos iniciaram a sua ofensiva no bolsão de Orel ainda durante o desenrolar da batalha, sendo quase impossível discriminar as baixas em uma ou outra ação. No sul, Manstein continuou atacando mesmo após o cancelamento da "Cidadela" e depois sofreu baixas na retirada em combate que foi obrigado a realizar. Some-se a isso também a tendência que ambos os lados tinham de exagerar suas vitórias. Contudo, não é exagero afirmar que, apenas nas batalhas relacionadas à "Cidadela", as perdas alemãs chegaram a mais de 800 tanques e canhões de assalto (só Model perdeu mais de 400), e mais de 100.000 baixas (50.000 só no 9º Exército).



O preço inevitável: um "Tigre" em chamas e soldados alemães mortos.

Quanto às baixas soviéticas, estatísticas liberadas recentemente dão conta de quase 180.000 baixas, além de 1.614 blindados destruídos. Contudo, as perdas alemãs eram irrecuperáveis, as soviéticas, não. Kursk havia custado mais do que

homens e material aos alemães: havia custado a iniciativa na guerra.

CONCLUSÕES:

Em vários aspectos, a Batalha de Kursk pode ser considerada uma batalha decisiva.

Essa descomunal batalha demonstrou que os dias da Blitzkrieg estavam acabados. O sucesso dos primeiros anos da guerra baseava-se na surpresa, velocidade e rapidez de concentração de meios em um Schwerpunkt (ponto-chave), obtendo a superioridade material em um ponto específico da linha. Em Kursk, nada disso aconteceu. Os soviéticos estavam estratégica e taticamente avisados quanto ao ataque; os alemães nunca conseguiram desenvolver velocidade, tendo que abrir caminho lentamente entre as intermináveis linhas defensivas e campos minados e, finalmente, em momento algum teve superioridade numérica. E mesmo a superioridade técnica das máquinas e tripulações alemãs foi anulada pelo tipo de combate cerrado, de atrito, que os soviéticos realizaram magistralmente. Além disso, a superioridade aérea, outro ingrediente importante da Blitzkrieg, praticamente não existiu.

Também demonstrou que o outrora incompetente (e quase amador) Exército Vermelho amadurecera e se profissionalizara, a ponto de desafiar os alemães em qualquer condição de tempo e de terreno. Marcaria também, daí para sempre, o declínio do Exército alemão e a ascensão do Exército Soviético como a mais poderosa força terrestre do mundo pelas décadas seguintes.

Kursk também marcou o fim de uma elite. As melhores tropas e os melhores equipamentos germânicos foram lançados no caldeirão de Kursk apenas para sempre destruídos, privando o Exército alemão de forças de que necessitaria cada vez mais nos meses e anos seguintes. De fato, a derrota em Kursk não só decretou o fim das esperanças alemãs de uma vitória no leste, como exauriu o Exército que deveria defender não só a Alemanha, mas toda a Europa Oriental da ocupação comunista. A Alemanha não poderia mais vencer a guerra após Stalingrado e sua derrota estava selada após o “Dia-D”, mas, em Kursk, os alemães desperdiçaram a sua última chance de manter qualquer iniciativa estratégica.

Um oficial alemão de blindados declarou posteriormente: “O Exército alemão jogou fora todas as suas vantagens em guerra móvel e enfrentou os russos em terreno de sua própria escolha. O Comando alemão podia pensar em coisa melhor do que lançar nossas magníficas divisões panzer contra a mais poderosa fortaleza do mundo...”